

MUSEALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: O POTENCIAL DA COOPERATIVA TÊXTIL GALÓPOLIS LTDA (COOTEGAL) – CAXIAS DO SUL / RS

JOSSANA PEIL COELHO¹; FRANCISCA FERREIRA MICHELON²

¹Universidade Federal de Pelotas – jopeilc@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fmichelon.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O patrimônio industrial no Brasil desperta seu maior interesse por estudos apenas na segunda metade do século XX. Os estudos iniciais são voltados para as grandes edificações remanentes desses patrimônios. Atualmente, há diversos trabalhos sobre a patrimonialização, bem como a musealização desses bens, pensando-os como sugere a Carta de Nizhny Tagil¹, bens de múltiplos valores (arquitetônico, social, tecnológico e histórico), que abrangem diferentes vestígios como as edificações, tanto do espaço fabril quanto as que abrigaram atividades sociais relacionadas à fábrica, como residências e escolas, além de vestígios móveis como máquinas, documentos administrativos, produtos manufaturados etc. e dos valores imateriais, a memórias dos seus atores².

Entende-se a musealização, conforme Desvallés e Mairesse (2014, p. 56 e 57), como uma troca conceitual, na qual um determinado bem deixa de lado seu conceito inicial de uso e adquire a função de evidência, material ou imaterial, dos indivíduos e/ou do seu meio, em que devem, necessariamente, passar por um conjunto de ações como preservação, pesquisa e comunicação, atividades específicas de museus. Destaca-se que não há a obrigatoriedade do deslocamento físico de um bem para dentro de um museu para que o bem seja musealizado, havendo, assim, a possibilidade de que bens imóveis, como os patrimônios industriais, também sejam possíveis de musealização.

Pode-se citar como exemplo um patrimônio industrial com potencial de musealização, a Cooperativa Têxtil Galópolis Ltda (Cootegal), lanifício situado no Bairro Galópolis na cidade de Caxias do Sul / RS.

A história da Cootegal inicia em janeiro de 1898 quando uma pequena tecelagem é inaugurada por imigrantes italianos que viram na região o seu potencial para tal indústria. Porém, com diversas dificuldades, os sócios do lanifício se viram obrigados a vender a fábrica. Então, em 1906, o italiano Hércules Galló compra a fábrica, que, em 1912, por conta de uma sociedade firmada com a firma Chaves & Almeida, passa a se chamar Lanifício Chaves Irmãos e Cia. Em 1928, a família Chaves Barcelos compra as ações da família Galló, já que Hercules havia falecido, em 1921, e torna-se a única proprietária do lanifício, passando a ter a denominação de Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro. Durante a década de 1930, a gestão da fábrica é marcada por um desenvolvimento social, com reflexos no bairro, onde foram fundadas a Cooperativa de Consumo, o Círculo Operário Ismael Chaves Barcelos, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, o Colégio Chaves &

¹ Principal documento sobre patrimônio industrial elaborado durante a reunião do The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), em julho 2003, na Rússia.

² Chamamos de atores todos os indivíduos que possuem qualquer tipo de vínculo com o espaço fabril.

Irmãos, o Ambulatório e a Farmácia, a cancha de Bochas e a Escola Particular Dona Manuela Chaves (HERÉDIA, 1997, p. 8).

O primeiro prejuízo da fábrica ocorre em 1978, e, em 1979, o Grupo Sehbe compra o lanifício São Pedro e o incorpora ao lanifício Sehbe, administrando-o até 1999, quando, por razão dos salários atrasados, os operários param de trabalhar e 40 deles formam a Cooperativa Têxtil Galópolis, assumindo o controle da empresa, que se encontra ainda em funcionamento.

A instalação e o funcionamento do lanifício promoveram a organização da então vila uma vez que a comunidade foi residindo ao redor da fábrica e sua vida social se confundindo com a vida do trabalho. Isso tanto é verdade que o nome do bairro deriva de um dos primeiros donos do lanifício, uma homenagem póstuma a Hercules Galló.

Com essa fusão, em que a história do bairro se confunde com a história da fábrica, há uma grande identificação da comunidade do bairro com esse bem industrial, não apenas com o espaço fabril, mas com todos os bens, que são consequência da presença da fábrica. Assim, percebe-se um potencial de musealização do patrimônio industrial em seu todo, abrangendo o seu território e, principalmente, valores técnicos e científicos uma vez que a fábrica ainda está em funcionamento.

2. METODOLOGIA

Com tema de pesquisa patrimônios industriais e musealização, os procedimentos metodológicos utilizados são a revisão bibliográfica, especialmente sobre os temas pesquisados, assim como sobre o objeto escolhido, a Coootegal. Foi realizada uma visita ao bairro, quando se conversou com alguns moradores e houve uma visita ao Instituto Hercules Galló, onde foi possível conhecer a história do bairro e da fábrica e perceber Galópolis enquanto um bairro que possui forte identidade.

Cabe destacar que essa pesquisa ainda está em andamento, que o exemplo tratado nesse texto é um entre quatro que estão sendo analisados e que estão previstas novas visitas a Galópolis, assim como uma visita ao espaço fabril, a qual não foi possível na primeira ida ao bairro, assim como entrevistar pessoas-chave para entender a dinâmica do território.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No bairro de Galópolis, está situado o Instituto Hércules Galló (IHG), que tem por objetivo “preservar a memória do empreendedor, de Galópolis e de Caxias do Sul; como também disponibilizar um espaço adequado para a comunidade conhecer e manter viva sua história” (Folder do IHG). Essa instituição foi idealizada e é mantida pela família Galló, apresentando-se como o primeiro núcleo de um museu de território, que, teoricamente, é definido como:

O museu-território é a expressão do território, [...]. Seu objetivo é a valorização desse território e, sob esse ponto de vista, é realmente, um instrumento do desenvolvimento em primeiro grau. O território escolhido pode ser grande ou pequeno, sua delimitação dependerá de critérios naturais (...), econômicos (...), histórico (...), sociológicos. [...]. Também é um museu-território o museu clássico que se reorganiza para servir e dar cobertura ao conjunto do território de sua região, de seu cantão, a fim de melhor refletir sua diversidade e de melhor responder ao que as autoridades locais esperam de uma instituição patrimonial (VARINE, 2013, p.185 e 186).

O modelo de museu de território é o sugerido nas pesquisas sobre musealização do patrimônio industrial, por ser um modelo com potencial de abarcar os diferentes bens e valores que o patrimônio abrange. Estamos tratando de um patrimônio que, mesmo centrado no espaço fabril em si, compreende outros imóveis e diferentes bens móveis.

No caso do nosso exemplo, a Cootegal está inserida em um território que tem o seu desenvolvimento e crescimento, como já tido, com a fábrica de protagonista. Sobre isso, Herédia e Troca comentam:

O território apresenta a conservação da paisagem local, das características fabris e do ambiente do antigo bairro operário. Porém, esse patrimônio ainda não está legalmente valorizado, não sendo reconhecido pelo município como bem tombado material ou de paisagem, muito menos como patrimônio industrial (HERÉDIA e TROCA, 2016, p. 16).

Não apenas as casas da vila operária, de importância para esse patrimônio industrial, ainda não possuem um tombamento, o próprio imóvel da fábrica está na mesma situação. Todavia, há um projeto de lei que contempla o Plano Diretor³, em que tanto a fábrica como a vila operária, bem como um capitel de São Roque e a Cascata Véu de Noiva vão ser inventariados, tendo, então, uma proteção legal. Já a Igreja Matriz de Galópolis e as antigas residências de Hércules Galló, que hoje abrigam o Instituto, possuem tombamento em nível municipal.

Assim, percebe-se que o Instituto, enquanto núcleo do museu de território, apresenta potencial para ir além do seu objetivo e para buscar a preservação do patrimônio industrial que o rodeia, seguindo a teoria dessa tipologia de museu. Nesse caso específico, em que há a particularidade de o espaço fabril ainda estar com o seu uso original, mostra-se a importância dessa preservação ser pensada e voltada para a sua comunidade e seu ambiente, em que o processo de musealização será constante, uma vez que ela servirá como um meio de preservação da história, mas, principalmente, das mudanças que ocorreram e deverão ocorrer, não como algo que vai deixar esse patrimônio estagnado, mas um processo para auxiliar que mudanças ocorram sem esquecer o que já se passou, registrando-as e colaborando para o futuro.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, percebe-se um bairro com grande potencial de musealização, com enfoque no seu patrimônio industrial. Ainda estão preservados importantes imóveis ligados ao espaço fabril, como a vila operária e a igreja, também do patrimônio natural, a cascata Véu de Noiva, além da própria fábrica, que possui a particularidade de ainda estar operando com o seu uso inicial, o que muito contribui para a preservação dos valores técnicos e científicos.

Nesse território, ainda está situado o Instituto Hércules Galló, que propõe um Museu de Território e apresenta-se como o primeiro núcleo desse museu. No entanto, na visita técnica, essa tipologia não ficou clara, pois a visita foi guiada por

³ Projeto de Lei protocolado, em dezembro/2017, na Câmara de Vereadores, para substituir o atual Plano Diretor Municipal de 2007, pois a lei prevê atualização a cada 10 anos. Tal lei é o instrumento básico da política de desenvolvimento do Município referente ao território, com um conjunto de regras quanto ao uso e a ocupação do solo nos diferentes locais da cidade.

uma funcionária do Instituto que, em nenhum momento, fez referência ao Museu de território e a outros núcleos.

O potencial de um museu de território está dado, tanto pela identificação da comunidade com a fábrica, pelos diversos bens imóveis ainda estarem preservados, pelo próprio poder público (município) apresentar um projeto de lei o qual protegerá alguns bens como patrimônio cultural, além do próprio Instituto que percebeu essa potencialidade e iniciou a construção do Museu. O próximo passo, que pode ser sugerido nesse caso, é o Instituto retomar o projeto inicial do museu-território, com um canal de diálogo com a comunidade, e propor um percurso pelo bairro, apresentando os bens do Patrimônio industrial, patrimônio não citado pelo IHG.

Outro potencial que o Instituto apresenta é de ser o espaço de guarda dos bens móveis do patrimônio industrial, que vão desde maquinários, produtos manufaturados, documentos da administração, fotografias etc. Esse acervo deve ser preservado como recomenda a própria carta de Nizhny Tagil, a qual também sugere que sejam mantidos *in situ*. Como isso nem sempre é possível, o museu se apresenta como um local adequado para sua guarda. Cury e Yagui (2015) sugerem que esses museus possam até já existir no território, como é o caso do IHG, sem fugir do seu objetivo.

Dessa maneira, acredita-se que a musealização de Galópolis com foco no patrimônio industrial é, sim, possível pelos potenciais apresentados e pode contribuir para que o espaço fabril tenha seu estimado uso em funcionamento, não só por questões econômicas, mas pela forte identificação da comunidade com o lanifício, contribuindo para a manutenção da memória do bairro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAXIAS DO SUL, Prefeitura Municipal de. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/>. Acesso em: 30 abr. 2018.

CURY, Marília X.; YAGUI, Mirian M. P.. A musealização do setor elétrico em São Paulo: construção de perspectivas para as usinas hidrelétricas. **Labor & Engenho**, v. 9, n. 1 (jan./mar.) p. 104-134, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/2098>. Acesso em: 03 mar. 2018.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-Chave de Museologia**. FCC. Florianópolis, 2014.

HERÉDIA, Vania B. M.; TRONCA, Bruna. Patrimônio Industrial e Turismo: A Vila Operária de Galópolis, Caxias do Sul, RS. **Rosa dos Ventos**, vol. 8, núm. 3, Caxias do Sul, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473550236008>. Acesso em: 31 ago. 2018.

HERÉDIA, Vania B. M. A industrialização da zona colonial italiana: um estudo de caso da indústria têxtil do nordeste do Rio Grande do Sul. **EDUCS**, Caxias do Sul, 1997. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s3a7.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2018.

INSTITUTO HÉRCULLES GALLÓ. **Museu de território Galópolis**. Caxias do Sul, 201-. Folder.

TICCIH. **Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial**, TICCIH, 2003. Disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf> Acesso em: 30 abr. 2018.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.